

ESTUDOS

A HORA DA ESTRELA: ENTRE O MASCULINO E O FEMININO

STAR TIME: Between the male and the female

Kenia Almeida Nunes¹⁰

RESUMO

Este artigo é fruto da pesquisa e conclusão da monografia, onde foi estudada a maneira como se dá a produção do feminino a partir das relações estabelecidas entre os personagens da obra literária **A hora da estrela** (1998) de Clarice Lispector. Relações estas organizadas sobre o prisma da união entre duas regiões o Nordeste (sertão de Alagoas) e o Sudeste (Rio de Janeiro) fonte da construção das identidades dos personagens presentes no romance investigado. O trabalho se deu através do processo de reflexão e análise que das teorias e conceitos de autores como Pierre Bourdieu, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Judith Butler dentre outros, recaem sobre a obra. Portanto, trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica. Uma pesquisa que tenta traçar o modo como se dá a construção da identidade da personagem principal, Macabéa. Uma identidade que é pensada a partir da produção de si através do contato com o outro, Olímpico. Nesse caso o encontro com o personagem masculino Olímpico de Jesus produz Macabéa com uma feminilidade avessa ao “cabra-macho”. A personagem principal é vista neste artigo a partir da relação que ela estabelece com esse personagem masculino em conjunto com a narração de Rodrigo S.M, um narrador-personagem que a coloniza sobre a visão masculina do que é ser mulher nas relações dadas.

Palavras-Chaves: Mulher; Sexualidade; Dominação; Masculinidade; Territorialidade.

¹⁰ Graduada em Ciências Sociais e Mestranda em Ciências Sociais pela UFRN

E-mail: keniaanunes@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho partiu do interesse em pesquisar sobre as relações de gênero que são estabelecidas na região Nordeste. Diante desse primeiro desejo foi possível elaborar um corpo teórico para as reflexões em torno do tema com base em alguns conceitos como identidade, gênero e territorialidade. Daí emergiu a pergunta chave desse trabalho: De que forma as relações espaciais e de gênero agem na produção da identidade feminina da personagem Macabéa?

Essa pergunta, por sua vez, possibilitou a escolha do livro de Clarice Lispector que traz para reflexão questões que norteiam o tema central da produção de identidade feminina a partir de relações espaciais. O romance escolhido foi **A Hora da Estrela**, sobre o qual, as investigações se debruçaram observando a construção do feminino da personagem nordestina, Macabéa. Este livro é permeado pela captação de temas aparentemente banais, pois é a partir da revelação da personagem principal e de sua vida pouco interessante, que se tem o trânsito entre o lado trágico e cômico da vida frágil e esplêndido do ser humano. Trazendo a solidão como pano de fundo para por em destaque as desigualdades sociais e, principalmente, a forma como se desenvolve as relações sociais estabelecidas entre os personagens, imprimindo assim, novas perspectivas em torno dos problemas e indagações que os sujeitos sofrem cotidianamente.

O trabalho foi realizado, tendo em vista a leitura e análise do livro acima mencionado relacionando os discursos encontrados nas vozes dos personagens com os conceitos apreendidos de autores como: Durval Muniz de Albuquerque Júnior nos livros **A invenção do Nordeste e outras artes** (1999), **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino** (2003) os quais fazem uma discussão das categorias espaciais com base nos efeitos de verdade que a Literatura, a arte, a música e os discursos políticos produzem sobre determinada região. Estas últimas obras colocam o Nordeste como o outro do Sudeste. Além desses trabalhos também foram utilizados outros livros e teorias como o livro de Berenice Bento **A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual** (2006) e Judith Butler com o livro **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** (2003), no intuito de trazer para o diálogo discussões que contemplem as questões de gênero e corpo na formação da mulher aqui pesquisada.

O principal objetivo deste trabalho é compreender de que forma os discursos espaciais agem na produção da identidade feminina da personagem Macabéa através das relações que ela mantém com os personagens Olímpico de Jesus. Ao término dessas falas/relações, percebe-se que há múltiplas formas de ver, escutar e sentir, logo, a análise aqui proposta é uma reflexão que vem a gosto das leituras escolhidas, na tentativa de elaborar possíveis caminhos para se chegar à personagem Macabéa. Portanto, não há uma verdade sobre o que é dito, mas sim verdades sobre o que é percebido, sentido e ouvido. O que, conseqüentemente, pode então levar o sujeito a diversificadas formas de se pensar o que está dado como pronto.

2. O ESPAÇO COMO PRODUTOR DE IDENTIDADES

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? (LISPECTOR, 1998, p. 23).

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher (BEAUVOIR, 1980, p. 09).

O Nordeste não existia até meados da década de 1910 e, conseqüentemente, o nordestino também não existia. A região Nordeste é uma invenção da historiografia em seu discurso sobre a História Regional que se deu no final do século XIX e no início do século XX. A figura do nordestino como é percebida hoje é uma produção bem recente, tendo seu início a partir da década de 1930. Uma construção que tem como marco fundador o Movimento Regionalista e Tradicionalista, que pretendia desenhar a nova região a partir da preservação da tradição através da recusa ao mundo moderno e ao mundo urbano. É através da Proclamação da República (1889) e da Abolição da Escravidão (1888) no Brasil que gerou certos tipos de sentimentos de ameaça à ordem estabelecida no país. Dessa forma, com o iminente declínio da sociedade dita patriarcal¹¹,

¹¹ Relativo ao exercício da autoridade, do prestígio e da explicitação do poder na figura paterna, o que desencadeia nos traços definidores do monopólio do mando. Sobre as sociedades ditas patriarcais. Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A feminização da sociedade. In: Nordestino: uma invenção do falo - Uma história do gênero masculino. Maceió. Edições Catavento, 2003.

há, conseqüentemente, um declínio da autoridade que está transfigurada na personagem do homem e, principalmente da hierarquia social, que estabelecia os papéis de homens e mulheres na sociedade. O processo de democratização da sociedade brasileira é vista através da ótica do embaralhamento das verdades existentes para homens e mulheres na sociedade, e com isso haveria um impulso para o nivelamento dos diferentes grupos que dão segmento à sociedade, o que provocaria uma feminização desta.

Aliado a esses dois momentos a que o Brasil se encontrava têm-se os processos de urbanização e industrialização, fruto do surgimento do mundo moderno, os quais seriam os principais responsáveis pelo processo de desvirilização da sociedade. Um processo que ocorre através do afrouxamento dos valores, normas, formas de sociabilidade e sensibilidade que antes eram baseadas nas relações patriarcais. Embora isso não indique uma inversão nas hierarquias sociais, mas passa a vigorar um alargamento dessa sociedade para acomodar os novos agentes sociais e suas reivindicações que emergiam dentro do meio urbano e industrial. E é com a emergente feminização da sociedade, conseguida através do ingresso das mulheres no mercado de trabalho que houve uma série de mudanças na organização das famílias. Essas mudanças só ocorreram porque elas passaram a ter visibilidade na sociedade, pois saem do domínio do lar e passam a ser vistas e ouvidas no domínio público, o lugar por excelência da dominação masculina (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003).

Quando as mulheres passam a ocupar o lugar que era de direito exclusivo dos homens, no espaço público, começa a se proliferar ideias e discursos machistas, que consideram essa ascensão uma forma de perda da feminilidade. O que se pretende com esses discursos é a manutenção das práticas femininas no silêncio do lar, o que daria ao mundo moderno a preservação da hierarquia entre os gêneros que assola algumas sociedades ocidentais. Ora, o mundo moderno é caracterizado pela confusão que a mistura entre os gêneros provoca, formando novos grupos, novas visões sobre as relações entre os gêneros. À vista disso, as formas de se vestir passam a designar um marcador de distinção social, assim como de distinção entre o masculino e o feminino. E, quando a mulher entra no mercado de trabalho, a sociedade estava sofrendo um afrouxamento dos lugares destinados a homens e mulheres, o que dá à mulher a possibilidade da escolha.

A imagem do feminino na modernidade foi modificada pela expressão de uma nova corporeidade, que tem como consequência uma ameaça às fronteiras entre os gêneros.

A mulher nesse novo espaço passa a ser vista sob o ângulo do ser traiçoeiro, pérfido, enganador, dominador, ameaçador.

[...] estive a observar as silhuetas da moda feminina de outono. E cheguei a conclusão de que as mulheres estão cada vez mais rapazes. A moda deste outubro de ligeiras névoas douradas é, como tem sido sempre desde 1914, acentuadamente “garçoniere”, audaciosamente masculina, e, quando resolve a feminizar-se, falo com um paroxismo doentio e com uma incidência vizinha da imprudência [...] as minhas atenções fixaram-se numa rapariga alta, loira, sem ancas, numa distinção seca, de um perfil arguto e cortante, trinta anos, aquilina, quase bonita, que, quando se sentava, mostrava a perna até o joelho, e que, monóculo na órbita, conversava, fumando [...] (DANTAS, 1919, p. 04, *apud*, ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 45).

Para frear a propagação dessa nova identidade feminina, produto das relações modernas, a região que antes era conhecida só por Norte se reveste de discursos baseados na preservação da tradição, e acaba produzindo um novo espaço, o Nordeste. E para fornecer visibilidade a esse novo espaço, que é uma produção imagético-discursiva¹² formada em acordo com as sensibilidades existentes historicamente, tem-se a necessidade de construção daquele que vem a ser o **salvador** da região que se encontra em declínio. O nordestino será um tipo rural, que não se identifica com o mundo moderno e, por isso reagiria ao processo que transforma a sociedade brasileira em urbano e industrial, uma sociedade capitalista e burguesa. Segundo Albuquerque Júnior, ele “será definido, acima de tudo, como uma reserva de virilidade, um tipo masculino, um macho exacerbado, que luta contra as mudanças sociais que estariam levando à feminização da sociedade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 231).

O homem nordestino foi se constituindo a partir de uma série de figuras sociais que tomava uma vasta área do país. Essas figuras sociais são até hoje identificações para os habitantes da região Nordeste, como a figura do cangaceiro, do jagunço, do retirante, do caboclo, do matuto, do beato, do senhor de engenho, do coronel dentre outras. Foi a partir da absolvição dessas figuras que se formou o que temos hoje por homem nordestino, uma identidade construída em desacordo com a parte moderna do país, o Sul.

¹² Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras Artes. São Paulo: 1999.

Daí, os estereótipos¹³ que por ventura surgiram para designar o habitante dessa região nada mais é do que uma leitura que os outros fazem da construção da identidade desse homem nordestino.

O discurso da esteriótipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto – suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 20).

O discurso que produz a identidade para o habitante da região nordeste, deixa aberturas para os outros (habitantes da região sudeste) fazerem suas reflexões em torno do que se faz ou diz para construir essa identidade. Nesse caso, emerge todo um discurso de estereotipia em torno do nordestino. Diz-se que aquele que vive na região nordeste é preguiçoso, flagelado, corpo disforme, pobre, feio, que não segue os padrões de beleza predominantes dentre outras características ou estereótipos. Pode se concluir que, a maior parte do preconceito que existe em torno do nordestino é fruto da própria construção da região de seu habitante pela elite dominante, embora também esteja associado aos preconceitos raciais e de classe.

2.1. Caminhos para ser um “cabra-macho”

A figura masculina que a personagem de Olímpico de Jesus está transfigurada na obra literária é o “cabra-macho”, uma junção do “cabra safado” e do “macho de briga”, duas designações forjadas para ele na obra. Olímpico que não tem medo de nada é violento, forte, viril, sabedor das coisas e destemido, um dominador por excelência, logo um “cabra-macho” aos modos anteriormente citados. Uma figura que aqui nesta pesquisa está sendo tratada como fonte da construção da identidade atuante da personagem Macabéa, visto que, ela se mostra a partir do encontro com o outro.

¹³ Essa acepção diz respeito aos processos que geram os preconceitos, nesse caso designando as identidades regionais. Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Preconceito contra a origem geográfica ou de lugar: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

Será através do encontro desses dois personagens, Olímpico e Macabéa, e da relação que ambos estabelecem que a identidade de Macabéa será desenhada. Esse homem, Olímpico de Jesus, não está sendo tratado como um tipo ideal¹⁴, ou seja, a categoria de “cabra-macho” não foi aqui inventada para analisar esse personagem. No entanto, a categoria é uma construção feita através da propagação de uma série de discursos, os quais foram incorporados por aqueles que estão fora do espaço e também dentro dele (Nordeste). Portanto, é uma categoria já existente. É nesse processo que encontramos a oposição desenvolvida pelo homem frente à mulher, que existe com o objetivo de frear as conquistas femininas no âmbito da era moderna. O “cabra-macho” vai reerguer a região em que ele se encontra inserido e, conseqüentemente, vai lutar contra a emergência da mulher.

Sobre a construção do nordestino e sobre o seu papel Durval Muniz de Albuquerque Júnior afirma,

É na reação ao mundo moderno, que parecia querer embaralhar as fronteiras entre os gêneros, que vinha feminizando perigosamente a sociedade e a região, provocando a desvirilização dos homens e a masculinização das mulheres, que o nordestino é inventado como um tipo regional destinado a resgatar padrões de masculinidade que estariam em perigo; um verdadeiro macho capaz de restaurar o lugar que seu espaço estava perdendo nas relações de poder em nível nacional. Buscando no passado os seus modelos, esse homem seria a única personagem capaz de reescrever a história de seu espaço, dando – lhe um novo rumo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 249).

Eis que temos Olímpico de Jesus, um “cabra-macho” do sertão da Paraíba que não veio à toa para o Rio de Janeiro, ele queria ser mais e tinha desejos por melhores dias na sua vida, a qual não fora fácil, mas ele tinha tirado de letra, naquela terra seca de onde viera que tudo se quer plantar, mas quase nada se colhe. Por isso, ele se mantinha resistente às adversidades que se colocavam a ele, o homem nordestino já é criado para resistir à terra braba e rachada pela seca. Ele, que para manter a sua honra até já matou no sertão da Paraíba e, roubava sempre que podia de seus colegas de trabalho da metalúrgica na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁴ Sobre os tipos ideais, ver: WEBER, M. Os tipos de dominação. In: Economia e Sociedade. Ed. Univer. Brasília. Brasília, 1999.

Macabéa, ao contrário de Olímpico, era fruto do cruzamento de “o que” com “o que”. Na verdade ela parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer dos pais famintos. Olímpico pelo menos roubava sempre que podia e até do vigia das obras onde era a sua dormida. Ter matado e roubado faziam com que ele não fosse um simples acontecido qualquer, davam – lhe uma categoria, faziam dele um homem com honra já lavada (LISPECTOR, 1998, p. 58).

Olímpico não era inocente como Macabéa que não compreendia as coisas do mundo, embora isso não a incomodasse, no entanto, ele sempre queria ter respostas e dar respostas quando questionado, afinal ele era o homem, aquele que detém a sabedoria necessária para se guiar e orientar os outros que, por alguma brincadeira do destino, o colocam em seu caminho. Esse é o caso da personagem Macabéa, menina moça do sertão de Alagoas, que perde os pais cedo e fica sob a responsabilidade de uma tia, beata que lhe dava cascudos e a privava de comer o seu doce favorito, goiabada-com-queijo. Mas, “Maca”, como era chamada pelas colegas de quarto, não era tão submissa quanto parecia, pois se assim fosse talvez essa história não existisse, pelo menos não com ela. Macabéa teve coragem para romper com as suas origens e construiu em si um desejo ralo, rasteiro por mudança, daí foi para o Rio de Janeiro.

No entanto, esse rompimento não fez dela uma lutadora ou transgressora na nova selva de pedra que a rodeava. Ela viveu na sombra de não ser nada, e quando era vista ou escutada, dependia dos outros para realizar tal feito. Olímpico é aquele que faz Macabéa existir enquanto Macabéa, pois até então não se sabia quem era aquela moça de quem Rodrigo S.M. falava tão impiedoso e ao mesmo tempo até amoroso, um amor um tanto cruel. Quando em uma tarde chuvosa do mês de maio, eles finalmente se encontram e, assim foi

No meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejavam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada-com-queijo (LISPECTOR, 1998, p. 42).

Macabéa só existe em sua singularidade a partir desse encontro, visto como um entrelaçamento de “animais” da mesma espécie. Afinal, até então ela era apenas uma moça nordestina situada no mundo por um narrador-personagem, que se viu quase que obrigado a falar sobre alguém que ele considerava ter na face o ar do “sentimento de perdição”, falar dela então era tedioso e uma perda de tempo, mas se não tem o que fazer vai lá. “– E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?” e ela responde “ – Macabéa” (LISPECTOR, 1998, p. 43). Desde então, eis que ela surge por entre um relacionamento duvidoso. Olímpico de Jesus passa a ser a conexão entre Macabéa e o mundo.

Namoro ralo. Era assim que era. As conversas eram perguntas de Macabéa e respostas de Olímpico. E, assim ia acontecendo, sem maiores deleites amorosos diferente dos encontros de Romeu e Julieta¹⁵, de Betinho e Capitu¹⁶, nem tampouco se assemelhava aos sonetos de Vinícius de Moraes ou de Camões. No entanto, os encontros eram,

Você sabia que na rádio relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no país das maravilhas” e que ele era também um matemático? Falaram também em “álgebra”. O que é que quer dizer “álgebra”?

- Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita (LISPECTOR, 1998, p. 50).

E o namoro continua,

Ela achava Olímpico muito sabedor das coisas. Ele dizia o que ela nunca tinha ouvido. Uma vez ele falou assim:

- A cara é mais importante do que o corpo porque a cara mostra o que a pessoa está sentindo. Você tem cara de quem comeu e não gostou, não aprecio cara triste, vê se muda – e disse uma palavra difícil – vê se muda de “expressão”.

Ela disse consternada:

¹⁵ Ver: SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. São Paulo, Martin Claret, 2002.

¹⁶ ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo, 1996.

- Não sei como se faz outra cara. Mas é só na cara que sou triste por dentro eu sou até alegre. É tão bom viver, não é?
- Claro! Mas viver bem é coisa de privilegiado. Eu sou um e você me vê magro e pequeno, mas sou forte, eu com um braço posso levantar você do chão. Quer ver?
- Não, não, os outros olham e vão maldar!
- Magricela esquisita ninguém olha (LISPECTOR, 1998, p. 52).

E assim, da mesma forma que começou o namoro acaba, sem alvoroços. Na verdade, ele nunca demonstrou satisfação em namorar “Maca”, afinal ele “era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen” (LISPECTOR, 1998, p. 58). Mas, quando ele viu Glória, colega de trabalho de Macabéa, sabia que era uma mulher de **verdade**. Farta de carnes o que a demonstrava como alguém que possui uma posição privilegiada. E naquele momento, viu-se esfarelar o que ambos tinham, ele demonstração de rudeza e macheza viril sobre ela e, Macabéa se percebeu novamente num espaço vazio do mundo. Nada a conectava no momento com o mundo a não ser Olímpico.

Foi então (explosão) que se desmanchou de repente o namoro entre Olímpico e Macabéa. Namoro talvez esquisito mas pelo menos parente de algum amor pálido. Ele avisou-lhe que encontrara outra moça e que está era Glória. (Explosão) Macabéa bem viu o que aconteceu com Olímpico e Glória: os olhos de ambos se haviam beijado.

Diante da cara um pouco inexpressiva demais de Macabéa, ele até que quis lhe dizer alguma gentileza suavizante na hora do adeus para sempre. E ao se despedir lhe disse:

- Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?
- Não, não, não! Ah por favor quero ir embora! Por favor me diga logo adeus! (LISPECTOR, 1998, p. 60).

É perceptível que a maneira que Olímpico trata a vida é fruto de um processo de socialização¹⁷ desenvolvido pela família e, nesse caso pela região em que ele se formou

¹⁷ Processo pelo qual todo indivíduo passa após o nascimento, com o objetivo de inculcar ou interiorizar nele as regras, leis e normas que a sociedade em que ele está inserido mantém. A esse respeito, ver: BERGER, P. A sociedade como realidade subjetiva. In: A construção social da realidade. Petrópolis. Ed. 14^a, 1985.

como tal. Em todo caso, Olímpico é fruto de uma sociedade construída como violenta, o Nordeste¹⁸, uma sociedade que tem por base duas características principais: a coragem e a honra. Duas características que irão legitimar e dar visibilidade à violência exercida pelos homens sobre os homens e, acima de tudo, à violência exercida sobre as mulheres, uma violência às vezes física, porém muito mais simbólica, pois é essa violência que cria as relações entre os gêneros e, conseqüentemente, produz a mulher nesse meio violento a partir do homem. Dentre as várias figuras que foram anteriormente mencionadas, surge o que podemos compreender como aquela que mais é pensada quando se fala do Nordeste, a figura do “cabra-macho”, a junção de uma série de imagens e enunciados sobre o habitante dessa região. Mas, não se nasce um cabra-macho. Esse ser é fruto da tentativa de formação de uma raça regional¹⁹ que tende a naturalizar os papéis de gênero e assim, justificar a dominação masculina. Esses papéis aprendidos nas instituições sociais vão reproduzir a centralidade que o falo tem na vida dos homens, visto que, desde o nascimento, os homens são tratados a partir do que o falo pode produzir nas relações, isso fica claro nos rituais de masculinização a que os meninos são submetidos desde a infância para serem vistos socialmente como homens e mais, como macho, um ser viril, forte e dominador (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003).

O pleno exercício da dominação masculina só é possível pelo fato de encontrar reunidas em todas as condições da objetividade das estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, uma base fundada na biologia, ou melhor, os papéis sociais dos sexos são vistos como características produzidas pela sua natureza, na biologia dos corpos. E a incorporação desse *habitus*²⁰ é forte e eficaz, porque encontra-se fundado na transcendência que ele produz nas percepções, pensamentos e ações de todos os membros da sociedade. Segundo Bourdieu, “[...] a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso

¹⁸ A formação do homem rústico tem por base a ideia de uma construção masculina a partir de uma sociedade violenta, o Nordeste do cangaceiro, homem forte, viril, violento, honrado dentre outras características adquiridas socialmente. Sobre a produção do homem rústico no Nordeste ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A invenção de um macho. In: Nordeste: uma invenção do falo - Uma história do gênero masculino. Maceió. Edições Catavento, 2003.

¹⁹ Diz respeito à construção de um homem, no caso “cabra-macho”, com o objetivo de fazer frente à modernização das sociedades, o que provocaria um afrouxamento da ordem tradicional vigente para os gêneros. Ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A invenção de um macho. In: Nordeste: uma invenção do falo - Uma história do gênero masculino. Maceió. Edições Catavento, 2003.

²⁰ *Habitus* são esquemas de percepção, de avaliação e de ação que exercem um efeito de dominação simbólica em torno das categorias sociais, sejam elas de gênero, etnia, cultura, língua, raça dentre outras. Ver: BOURDIEU. P. A dominação masculina. Rio de Janeiro. ed. 4, 2005.

comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas” (BOURDIEU, 2005, p. 45).

Se o macho representa o centro de tudo nessa região, a fêmea apresenta-se como aquilo que o homem não é. Olímpico se coloca como um homem cabra e safado, o que aqui é exposto como “cabra-macho”, aquele que sabe de tudo, é forte, viril e dominador. Afinal, é ele quem chega, fala e acaba o namoro. A mulher é construída a partir de um princípio de inferioridade e exclusão social em relação às atividades e formas de agir que os homens desenvolvem na sociedade. E da mesma forma que o macho é produto do inculcamento desses princípios, a mulher também aprende socialmente a se comportar como submissa. Isso ocorre porque há uma tendência a percepção desse comportamento ser natural, pelo fato dos dominados acabarem aplicando as categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação²¹.

Assim como as mulheres, os homens também são produzidos a partir da dominação masculina, o que faz com que estes vivam em uma constante cilada, pois a todo instante há a necessidade de afirmar, em quaisquer circunstâncias, a sua virilidade. Conforme Bourdieu, “A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga” (BOURDIEU, 2005, p. 64). A identidade masculina vista através da questão da honra é produto de um trabalho de nomeação e inculcação, pois só assim essa identidade será conhecida e reconhecida no mundo social, tornando-se assim em um *habitus*, lei social incorporada.

Para ser esse homem, não basta simplesmente nascer, mas passar por um longo processo de inculcamento, ou seja, de interiorização de certas regras referentes ao que se pensa por homem na sociedade atual. Olímpico não é apenas homem, ele é um “cabra-macho”, um efeito do discurso fundador da região Nordeste e do nordestino, que por uma necessidade de recuperar a visibilidade frente ao mundo moderno, cria-se um ser que traz em si uma série de características corporais e psicológicas, baseadas em vertentes teóricas ora biologizantes, ora de base geográfica e ora de base cultural ou histórica²². Nesse caso, não se cria a mulher, ela é justamente o que deve ser combatido.

²¹ A respeito da violência simbólica, ver: BOURDIEU, P. Uma imagem ampliada. In: A dominação masculina. Rio de Janeiro. 4 ed. 2005.

²² A figura do nordestino vai oscilar e ser uma mistura da explicação que três vertentes teóricas fornecem aos tipos e figuras regionais. Uma vertente de base biológica que cria o homem eugênico, outra de base geográfica que produz o homem telúrico e por último a de base cultural, onde o homem é visto como uma

Logo, a imagem que é produzida para o ser feminino está às margens desse homem ou no que ele é, ou seja, a mulher toma para si o efeito dominador a partir do ponto de vista daquele que a domina, pois ora ela está em sintonia com a submissão e ora está equiparando-se ao homem para ter visibilidade²³.

A propósito da violência simbólica que a dominação masculina exerce sobre a mulher, diz-nos o sociólogo Pierre Bourdieu,

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2005, p. 47).

A relação que a personagem Macabéa mantém com Olímpico é uma relação de passividade. Ela vive às margens do que ele é, faz ou diz. Não há maiores questionamentos da parte dela sobre a vida que leva ou sobre a relação que mantém com ele, até mesmo nas conversas quando ela pergunta algo aparentemente sem importância, espera-se que ele saiba das respostas mesmo não sabendo, isto só é esperado pela personagem porque ela foi construída na relação a partir dele.

Macabéa só reage, dessa forma, em relação a Olímpico porque foi construída dessa maneira, afinal a ideia do homem como detentor da força, da sabedoria, da atuação frente à mulher é uma realidade subjetiva e objetiva dentro da sociedade, pois além de se fazer presente nas mentes de ambos, também faz parte dos discursos de manutenção de uma série de instituições sociais que dependem da existência dessa dualidade hierárquica entre os gêneros para se manter, como por exemplo, a família. A mulher é subjugada pelo homem e por uma sociedade construída em comum acordo com padrões

produção histórica, produzindo o homem rústico, o qual tem por característica formadora a honra e a coragem.

²³ Nesse caso, a mulher se mostra como encantadora, sedutora, feminina onde o objetivo é seduzir e encantar o homem com a sua delicada feminilidade. E, em outro momento ela tem que ser forte, viril, desfeminizada para conseguir viver e ter visibilidade frente ao cabra-macho. Uma visão a partir do ponto de vista masculinizante da sociedade.

essencialistas, os quais buscam interpretar as relações humanas a partir da biologização dos corpos masculinos e femininos, fazendo-os em prol de uma polarização social do masculino como fonte única da verdade, quando realiza o desejo heterossexual na busca pela manutenção de papéis sociais para os gêneros.

O corpo da personagem Macabéa é um lugar por excelência da dominação masculina, logo do exercício do poder. Um corpo disforme, cariado, amarelo, faminto que de uma maneira vulgar não desperta o desejo de ninguém, mas que existe como produto daquilo que ela não é. Ora, se Olímpico de Jesus é forte, viril, destemido para manter uma relação com ele, Macabéa não pode exercer as mesmas características. Ela é o avesso daqueles que estão ao seu lado. Macabéa é percebida como o resto, aquilo que não é aproveitável do macho. Se o contrário fosse, possivelmente, a relação entre ambos seria outra, pois a manifestação do poder da dominação só existe enquanto as relações sociais forem mantidas a partir de uma oposição binária entre os gêneros (BUTLER, 2003). Ora, os sujeitos são produzidos e reproduzidos a partir de estruturas sociais bem definidas, mas não há um ponto fixo que indica nisso uma passividade deste sujeito diante dos marcadores culturais, afinal há as ressignificações que os sujeitos constroem perante o que lhes é fornecido ou até imposto. Conforme Bento, “O gênero não está passivamente inscrito sobre o corpo” (BENTO, 2006, p. 86).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Etc. etc. etc. No fundo ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada (LISPECTOR, 1998, p. 87).

Receio que não se termina nada, assim age Lispector no livro **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** (1998) quando começa com uma vírgula e termina o texto com dois pontos, embora, sempre haja uma necessidade quase que intrínseca ao nosso ser em querer acabar com o que nos propomos como meta atingível. Nesse caso, são sobre todas as palavras, ideias, metáforas, letras, vogais que formam aqui tomadas pela escrita para fornecer sentido a esse trabalho, onde se quer nele um fim, o qual mais se parece com um começo, que se deve pronunciar o ponto além do qual não se pode prosseguir.

O objeto de estudo desse trabalho diz respeito à produção da identidade feminina a partir da relação com o outro, estabelecida através de uma série de ideias sobre a região Nordeste. A personagem principal do livro é apresentada aos leitores por “moça”, por

“ela”, por “nordestina” e somente após muitos relatos e ideias, em um diálogo com seu futuro namorado, Olímpico de Jesus, seu nome é revelado. Macabéa passa a existir a partir da relação com o outro. Esse outro se apresenta no livro, principalmente, através de dois personagens: Glória e Olímpico. Embora, esse artigo prime pela relação que ela mantém com Olímpico, um homem **brabo** do sertão da Paraíba. Macabéa é produto inverso da força masculina, o que lhe concede um *status* de mulher submissa em relação ao homem detentor da força que protege aquela que é passível de proteção. Em toda a narração e na análise aqui empreendida, a personagem Macabéa é lida através do personagem de Olímpico. Essa é uma maneira de perceber a figura feminina na relação com a figura masculina.

Em ambos os casos é perceptível a presença da produção do que é ser mulher a partir de uma região. É desse entrelaçamento de características impostas e fixadas nos corpos e nas mentes daqueles que pensam sobre a região do sertão nordestino e sobre a mulher desse espaço que o trabalho foi elaborado, com o objetivo de pensar, verificar e dissertar através de quais relações o personagem Macabéa é construído na obra. A investigação foi feita dentro do campo da literatura, haja vista que, dessa forma, ficará perceptível que uma obra literária pode ser um campo de análise sociológica, pois a apreciação foi realizada a partir das relações que são travadas entre os personagens e subsidiadas por conceitos sociológicos pertinentes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**/Durval Muniz de Albuquerque Júnior; prefácio de Margareth Rago. FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Nordestino**: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940)/Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia/Durval Muniz de Albuquerque Júnior. – São Paulo: Cortez, 2007.

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo, 1996.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual/ Berenice Bento. – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. Memória e gênero em Dom Casmurro In: **Contar História, fazer história**. Ed.Brasília: Paralelo 15, 2002.

BERGER, Peter L. **A construção social da realidade**: tratado do conhecimento por Peter L. Berger e Thomas Luckmann; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3 edição - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**/Simone de Beauvoir; tradução de Sérgio Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. –Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**/Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1980

MORTON, Donald. *El nacimiento de lo ciberqueer*. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002.

SHAKESPEARE, William. **Romeo e Julieta**. São Paulo, Martin Claret, 2002.

WEBER, M. Os tipos de dominação. In: **Economia e Sociedade**. Ed. Univer. Brasília. Brasília, 1999.